

Docência na tela: dos modos de dizer à prática

Teaching on the screen: from ways of saying to practice

Márcia Cristina Voges ¹

Maria Alzira Leite ²

Resumo: Objetiva-se neste artigo analisar o movimento das representações em torno da prática de ensino no contexto de trabalho da educação a distância. Para a realização deste estudo, orientamos a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) - Bronckart, (1999) e Bronckart e Bulea (2017). A pesquisa se vincula ao conjunto de métodos do paradigma qualitativo interpretativista, postulado por Bortoni-Ricardo (2008), Flick (2009) e Gil (2002). Os resultados da análise revelam que determinados mecanismos enunciativos, como as vozes e as modalizações, podem orientar a dinâmica das representações. E essas representações tendem a se ancorar nas vivências da modalidade presencial de ensino. Assim, em um processo migração de práticas – presencial e on-line –, pode-se delinear ressignificações para o saber-fazer do professor.
Palavras-chave: Educação a distância; Atividade docente; Interacionismo Sociodiscursivo.

Abstract: This article aims to analyze the movement of representations related to teaching practice in the context of distance education work. In order to do so, the theoretical-methodological assumptions guiding this analysis is the Socio-discursive Interactionism (ISD) of Bronckart, (1999) and Bronckart and Bulea (2017). The research binds itself to the set of methods of the interpretive qualitative paradigm, postulated by Bortoni-Ricardo (2008), Flick (2009) and Gil (2002). The results of the analysis reveal that certain enunciative mechanisms, such as voices and modalizations, can guide the dynamics of representations. And, these representations tend to be anchored in the experiences of the face-to-face teaching modality. Thus, in a process of migration of practices - face-to-face and online - it is possible to outline resignifications for the teacher's know-how.

Keywords: Distance Education; Teaching Activity; Socio-discursive Interactionism.

Considerações iniciais

Em um processo contínuo de evolução, as plataformas digitais de ensino tornam-se cada vez mais as salas de aula da sociedade virtual. Sem dúvida, há um cenário diferente para a execução do trabalho do professor, com ferramentas,

¹ Márcia Cristina Voges: Graduação em Letras, com 2ª Licenciatura em Pedagogia. Especialização em Estudos Linguísticos do Texto. E, ainda, Especialista em Docência e Tutoria na Educação a Distância. Mestre em Letras. Doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC) e Rede Privada de Ensino. E-mail: mcnvoges@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9396-9499>

² Maria Alzira Leite - Graduação em Letras, com 2ª licenciatura em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia. Mestre e Doutora em Letras: Linguística e Língua Portuguesa. Estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Tuiuti do Paraná - UTP. E-mail: mariaalzira35@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2235-4021>

aplicativos e recursos diferenciados. Não obstante, nessa movimentação com a Educação a Distância, é possível perceber que esse tipo de saber-fazer influencia as formas de aprender, mas muito pouco se observa ainda nos modos de ensinar. Há, nos cursos de formação de professores, um quadro de capacitação docente imbricado em abordagens possivelmente instrucionistas e tecnicistas. E esse quadro tende a reforçar a ideia de que os comportamentos discentes e docentes podem ser reproduzidos quando migram de uma modalidade para a outra – como é o caso das vivências da educação de cunho presencial e a distância.

Conforme afirma Belloni (2008, p. 104), em relação às formas do aprender, “cabe ao campo educacional integrá-las à modalidade presencial e a distância, e, tirar de suas potencialidades comunicacionais e pedagógicas o melhor proveito”. Na verdade, considerar as modalidades presencial e a distância, como espaços de interação para o professor, evidencia que há muito a ser desenvolvido nos campos de formação de educadores, bem como a necessidade de superar os preconceitos que ainda persistem em relação à educação a distância. Considerando esse contexto, buscamos, então, nesta pesquisa, responder à pergunta: em que medida as representações sobre a prática pedagógica podem ressignificar as estratégias de ensino? O nosso objetivo foi analisar o movimento dessas representações em um fragmento de videoaula, disponível no Youtube.

Salienta-se que este artigo está organizado em 6 seções, além da introdução e das considerações finais. Assim, neste estudo, apresentamos a temática, bem como o objetivo central. Na próxima seção, abrimos um espaço de reflexão sobre o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Em seguida, apresentamos algumas discussões sobre a educação a distância. Nas duas seguintes, descrevemos o caminho metodológico e as observações analíticas. Nas considerações finais, discorreremos sobre a avaliação geral das análises, deixando algumas ponderações sobre os movimentos das representações e os possíveis ressignificados de determinadas práticas na educação a distância.

Interacionismo Sociodiscursivo – ISD

A teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), tal como propõe Jean-Paul Bronckart (1999, 2006, 2008, 2009), principal representante teórico, defende que o pensamento humano está ligado ao conhecimento de mundo que o sujeito tem no eixo social e cultural. Além disso, a teoria se desdobra em concepções que reforçam a ideia de que a linguagem dos sujeitos sofre influências decorrentes dos contextos sociais de produção. Essa afirmação teórica embasa a nossa escolha para estudar uma videoaula³. Sendo assim, ao considerarmos a modalidade da educação a distância como contexto físico e sociossubjetivo de produção da linguagem, pressupomos que o professor, atuando nesse contexto, poderá ressignificar os seus gestos profissionais, porém, ancorando-se em determinadas memórias de trabalho.

O ISD constitui-se como uma corrente teórica conectada com as Ciências Humanas e Sociais e compreende a linguagem como mediadora entre o pensamento e a ação. Desse modo, no decorrer de sua trajetória como pesquisador, Bronckart alimentou os pressupostos teóricos do ISD por meio de estudos relacionados ao trabalho docente. Assim, os estudos de Bronckart (1999, 2008, 2009) podem nos orientar para a compreensão das representações sociais e individuais produzidas dentro do espaço em que usamos para educar a distância.

Cabe destacar que Bronckart (1999) retoma a teoria dos três mundos representados pelo homem que vive em sociedade e nela interfere com o seu agir comunicativo. Entendemos que esse agir humano, ou o fazer docente na educação a distância, se concretiza na ação do sujeito nesses três mundos: o objetivo – constituído pelo conhecimento elaborado na história humana; o social – envolvendo o conhecimento que se tem sobre o meio físico e o que esse meio físico impõe em cada ação, e ainda, o subjetivo que engloba os conhecimentos que o sujeito tem de si mesmo (HABERMAS, 2012).

Todavia, dentro desses mundos discursivos, constroem-se as condições de aquisição e de funcionamento das unidades linguísticas nas situações de comunicação. Os movimentos discursivos dos sujeitos endossam a relevância da teoria ao definir que os dizeres estão condicionados ao fazer docente em determinadas situações de trabalho. Em razão dessas concepções, Bronckart destaca

³ As análises contemplam o trabalho do professor em videoaulas, disponibilizadas no *youtube* (plataforma de compartilhamento de vídeos). Por isso, não houve o encaminhamento do trabalho para o CEP (Comitê de Ética e Pesquisa).

o papel fundamental da atividade discursiva e do agir, na análise do comportamento, para entender o desenvolvimento humano.

Salientamos que “a investigação interacionista se interessa, em primeiro lugar, pelas condições sob as quais, na espécie humana, se desenvolveram formas particulares de organização social”. (BRONCKART, 1999, p. 22). Entre outras concepções teóricas que o ISD abarca, Bronckart (1999) contempla os estudos vygotskinianos, tendo em vista a importância da interação humana para a apropriação do conhecimento, e para compreender a linguagem como mediadora entre o pensamento e a ação.

Diante disso, retomamos Bronckart (2009, p. 42) para destacar que “a tese central do Interacionismo Sociodiscursivo é de que a ação do sujeito se constitui do resultado de uma apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem”. Esse processo de apropriação se dá quando o sujeito se expõe e interage em mundos discursivos. Por isso, entendemos que o professor, ao se apropriar de atividades que são características da modalidade a distância, se constitui, de modo geral, das representações sociais que vão favorecer a construção identitária docente a partir de uma tomada de consciência.

Nessa lógica, considerando que esse profissional ao adentrar na modalidade a distância traz consigo elementos pré-construídos do mundo social e do ensino presencial, com o passar do tempo, agrega outros elementos construídos coletivamente nas diversas esferas sociais e tecnológicas da educação a distância. Convém ressaltar que ocorre uma (re)organização dos seus gestos profissionais. Com isso, há, possivelmente, um movimento dos sujeitos dentro dos mundos social, subjetivo e físico.

Educação a distância como espaço de ensino e aprendizagem

Atualmente, com o acesso amplo às tecnologias, o universo educacional tem experimentado diferentes formas para ensinar e para aprender. Esse acesso às novas tecnologias não só tem ajudado na disseminação *full time* do conhecimento, mas também influenciado a vida dos alunos em todas as faixas etárias, ficando cada vez mais difícil desvincular a internet da vida acadêmica. Conforme propõe Kenski (2017,

p. 88), “as tecnologias ampliam as possibilidades de ensino para além do curto e delimitado espaço da presença física de professores e alunos na mesma sala de aula”. Nessa interlocução, os sujeitos, os aparatos tecnológicos e a educação partilham o mesmo espaço no mundo conectado.

Em relação à educação a distância, Mattar (2011, p.3) a considera como “uma modalidade de educação planejada por docentes ou instituições onde professores e alunos estão separados espacialmente e diversas tecnologias de comunicação são utilizadas”. E Mill (2016) defende esse tipo de educação como,

[...] uma forma alternativa e complementar para a formação do cidadão (brasileiro e do mundo) e tem se mostrado bastante rica em potenciais pedagógicos e de democratização do conhecimento. Trata-se de uma modalidade que apresenta como característica essencial a proposta de ensinar e aprender sem que professores e alunos precisem estar no mesmo local ao mesmo tempo. (p. 16).

Nesse viés, convém ressaltar que a educação a distância tem requisitos próprios tanto para alunos quanto para professores. Além de ser uma modalidade marcada pela divisão espacial e temporal, possui uma expectativa que prevê o envolvimento dos participantes. Há de se pensar ainda que na educação a distância,

[...] a separação temporal tem sido cada vez menos essencial para defini-la, já que as novas tecnologias possibilitam realizar valiosas atividades síncronas, em que os alunos e professores podem interagir no mesmo momento, como em chats, ferramentas de voz, como Skype e MSN, vídeo e webconferências, e mundos virtuais como *Second Life*, entre outros. (MATTAR, 2011, p. 3).

Sobre isso, Belloni (2008) relembra que é necessário avaliar as especificidades de cada uma das modalidades – presencial e a distância – tendo em vista que podem “combinar a flexibilidade da interação humana [...] com a independência no tempo e no espaço [...]”. (p. 59). Nessa perspectiva, novas formas de ensino e aprendizagem podem ser potencializadas por uma didática híbrida. O desafio é abrir espaço para uma apropriação crítica, reflexiva e inovadora de novas tecnologias. De acordo com Belloni (2001), esse tipo de apropriação considera a construção de conhecimento que oportuniza reconstruir as mediações entre tecnologias e sociedade, haja vista as

representações de educação e de ensino no contexto da EaD. Ainda nesse âmbito, Mill (2016, p. 6) pondera que,

[...] a visão de EaD pode estar mais apoiada numa visão tradicional e ser tomada como ensino a distância, na qual o foco está na emissão de conteúdos e no professor. Nesse caso, o centro do processo está no ensino e no professor, e “desvalorizam-se” a aprendizagem e o estudante (mesmo que involuntariamente). Todavia, o termo EaD pode (e deve) ser entendido também como educação a Distância: agrega-se a ele uma visão de maior interatividade e interação entre educador e educandos, destacando-se o processo de ensino-aprendizagem, o estudante e a construção compartilhada do conhecimento, possível pelas interações dialógicas entre os diferentes participantes desse processo. Educação envolve ensinar e aprender, articulados e de modo mais amplo.

Em vista das definições dos termos ‘educação’ e ‘ensino’, é possível notar que Mill (2016) acentua que o termo ‘ensino’ reforça a centralidade do saber na presença do professor, o que o torna inadequado para o uso como definição da modalidade como ‘ensino a distância’. Portanto, o pesquisador considera pertinente para essa modalidade, o uso do termo ‘educação’, pois, de acordo com Mill (2016, p. 6),

[...] a terminologia Educação a Distância é mais adequada por considerar o aluno como centro do processo: é claro que há docentes (professores e tutores) e tecnologias compondo o processo de ensino-aprendizagem e apoiando o estudante, mas importa, antes, se o educando está aprendendo.

Moore e Kearsley (2008) corroboram o pensamento de Mill (2016), a respeito do uso do termo educação, em referência ao aprendizado mediado por tecnologias, no qual professor e aluno estão longe um do outro e a mediação do ensino-aprendizado se dá distante da origem dos conteúdos. Apontam, então,

[...] que o mais conveniente é adotar o termo EaD como Educação a Distância, enfatizando seus quatro aspectos constitutivos: O estudo da EaD é um estudo de aprendizado e ensino. O estudo da EaD é um estudo de aprendizado que é planejado, e não acidental. O estudo da EaD é um estudo de aprendizado que, normalmente, está em um lugar diferente do local de ensino. O estudo da EaD é um estudo de comunicação por meio de diversas tecnologias (MOORE e KEARSLEY, 2008 *apud* MILL, 2016, p.7).

A mesma discussão sobre os usos dos termos adequados para a modalidade EaD ocorre para o uso conjunto de ‘ensino’, ‘aprendizagem’, e, na sequência de definições, ‘interatividade’. Desse modo, segundo Mill (2016, p. 6), “o entendimento que se tem da sigla EaD pode influenciar o processo de implantação e a oferta de cursos a distância nas instituições, pois, ‘educação’, ‘ensino’ e ‘aprendizagem’ viu-se que não são sinônimos”. Nesse viés,

[...] considerando que a docência compartilhada (professores, tutores, coordenação etc.) é indispensável para auxiliar na aprendizagem do educando, é inadequado o uso do termo aprendizagem a distância (ou e-learning), em que o educando é, muitas vezes, visto como autodidata ou capaz de aprender somente com o apoio de materiais didáticos e sem a mediação dos docentes (professores ou tutores) (MILL, 2016, p. 6).

Por isso, Freire (2008, p. 84) define ‘aprendizagem’ como “um processo de construção do discente que elabora saberes graças e por meio de interações” – e não em um processo fechado em si mesmo, de autodidatismo. Por essa linha, há uma aprendizagem colaborativa entre os envolvidos. Freire (2008, p 84) destaca o “papel central das interações como fundamento da aprendizagem”, o que amplia a importância das trocas entre os sujeitos que participam de determinados espaços educacionais. Outrossim, o conceito de ‘interatividade’ é posto por Freire (2008, p. 83-84) como um “conceito emergente”, que se ancora na “comunicação que se faz entre emissão e recepção entendida com a criação da mensagem”.

Freire (2008, p. 86) assume a “interatividade como um paradigma em comunicação”, e, observa que não se pode ensinar apenas em nível de transmissão de conhecimento, evocar uma emissão separada da recepção não teria força na “era digital, na cibercultura, na sociedade da informação”.

No cenário comunicacional – de ‘interação’ e ‘interatividade’ – os atores que fazem a educação a distância acontecer, isto é, os alunos, os professores e os tutores precisam se movimentar numa rede dialógica em prol do ensino e da aprendizagem.

Caminhos metodológicos

Este estudo contempla um contexto de educação a distância visto que as videoaulas analisadas são consideradas como material didático. (MILL, 2010). O

material é ofertado pelas instituições que atuam na modalidade EaD, por meio de recursos tecnológicos, tais como: computadores, tablets, celulares etc. Para tanto, ao contextualizarmos no cenário da EaD, registramos aqui informações importantes sobre o gênero analisado.

A videoaula é uma estrutura produzida, gravada e editada antes de ser veiculada. Há indícios de que exista a produção de um texto prévio e isso poderá influenciar na atuação desse professor frente à câmera. As aulas, com frequência, são preparadas com antecedência e circulam na esfera social educacional, na universidade, escola ou cursinho. Diferentemente de uma sala de aula de presencial, essas aulas são gravadas em espaços fechados, com iluminação própria, microfones, câmeras de vídeo, teleprompter⁴ e outros artefatos que, possivelmente, as diferenciam de um contexto de aula⁵ tradicional.

Produção de Dados

No período de maio e junho de 2018, traçamos o perfil para a nossa escolha e para realizar a seleção final do corpus. Assistimos a 18 videoaulas, disponibilizadas no Youtube, das quais, selecionamos três conjuntos: o primeiro se referia ao material de universidades privadas e, os outros dois, de instituições públicas. Prosseguindo com a seleção, descartamos a seleção de videoaulas das escolas públicas, pois estavam incompletas, ou seja, havia apenas material de apresentação e/ou primeira ou segunda aula. Ao final, optamos pelo material de uma instituição de ensino privado, disciplina Comunicação e Linguagem – Curso de Licenciatura em Letras. Para este trabalho⁶, selecionamos um fragmento da transcrição⁷, apresentação da disciplina, com duração de 4 minutos e 33 segundos (4`33``).

Engajamentos enunciativos na videoaula

⁴ Equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exibe o texto a ser lido pelo apresentador.

⁵ A aula é um gênero usado para dar forma ao processo de ensino e de aprendizagem, “[...] pois cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação”. (MARCUSCHI, 2008, p. 150).

⁶ Para este artigo, realizamos um recorte de uma pesquisa maior intitulada: Docência na Tela: um estudo sobre as representações de professores em videoaulas no ensino superior.

⁷ Realizada conforme Projeto NURC/SP.

A fim de visualizar representações construídas em um contexto físico, sendo esse o primeiro plano do contexto de produção, convém retomar Bronckart (1999, p. 93) quando sinaliza que “todo o texto resulta de um comportamento verbal concreto [...], portanto todo texto resulta de um contexto físico”. A partir de Bronckart (1999), destacamos os quatro parâmetros do contexto de produção da videoaula: o lugar de produção, o momento de produção, o emissor e o receptor:

Quadro 1 – Contexto de produção

| | |
|-----------------------|---|
| LUGAR DE PRODUÇÃO | A representação do lugar físico em que o texto é produzido. Ex.: Estúdio de gravação |
| O MOMENTO DE PRODUÇÃO | A representação da extensão do tempo durante o qual o texto é produzido. Ex.: A videoaula |
| EMISSOR | A representação da pessoa que produz fisicamente o texto (oral ou escrito). Ex.: O professor |
| RECEPTOR | A representação da(s) pessoa(s) que pode(m) perceber ou receber concretamente o texto. Ex.: O professor, o tutor e os alunos |

Fonte: BRONCKART, 1999, p. 93. Adaptado pelos autores

A partir do ponto de vista de Bronckart (1999), salientamos que no contexto de produção das aulas, em relação aos estudos das condições de produção, nesse caso, o texto se insere em uma “interação comunicativa” (p. 94) que prediz um mundo social (normas, valores, regras etc.) e um mundo subjetivo (imagem que o agente dá de si ao agir). Esses mundos materializam as representações a partir de dizeres apreendidos durante o exercício das práticas educativas, crenças, ideias cristalizadas, atitudes languageiras, entre outros indícios representacionais. Nessa premissa, o desenvolvimento humano ocorre pela junção ou influência das práticas de linguagem e pela práxis dos sujeitos em contexto de trabalho.

Do mundo social e do mundo subjetivo, temos o parâmetro social de formação do texto. Nele, as representações do agir presentes em contexto de produção socio-subjetiva se decompõem em quatro parâmetros:

Quadro 2 – Contexto de produção socio-subjetivo

| | |
|--------------------------|---|
| LUGAR SOCIAL | Instituição ou outro tipo de interação em que o texto é produzido. Ex.: Universidade, Faculdade |
| ENUNCIADOR | Posição social assumida pelo enunciador na interação em curso. Ex.: Professor, tutor |
| DESTINATÁRIO | Posição social atribuída ao receptor (participante da pesquisa) do texto. Ex.: Aluno |
| OBJETIVO(S) DA INTERAÇÃO | Efeito que o texto pode produzir no destinatário a partir do agir linguageiro do enunciador ao qual o texto está articulado. Ex.: Conhecimento |

Fonte: BRONCKART, 1999, p. 93. Adaptado pelos autores

Na produção sociossubjetiva são elaborados elementos que compõem o acervo de dizeres daqueles que participam da aula. Nele, compreendemos os posicionamentos definidos por meio da prática comunicativa. Os elementos linguísticos, que emergem a partir da ação de linguagem, constituem-se por unidades psicológicas (signos linguísticos). Esses elementos são acentuados pelas escolhas linguísticas que demandam representações do seu agente produtor (BRONCKART, 1999). Do ponto de vista do contexto de produção, nos mundos físico e sociossubjetivo, verificamos que a videoaula se configura como lócus para os atos e interações dos participantes, tal qual propõe o modelo de análise textual-discursiva de Bronckart (1999, 2008).

Nesse viés, podemos observar no fragmento introdutório da videoaula que as marcas linguísticas modalizadas orientam para uma prática pedagógica de proximidade tendo em vista o contexto da educação a distância. Assim, notamos que as unidades linguísticas oLá... acadêmico... [...] sejam bem-vindos [...] eu sou professora tutora [...] estarei com você [...] podem expressar, não só um cumprimento, mas também um determinado grau de satisfação em receber o discente.

...oLá... ACADÊMICO... seja bem-vindo à disciplina de comunicação e linguagem... eu sou professora tutora interna do curso ... de.... da... e estarei com você no decorrer dos estudos desta disciplina para auxiliá-lo na assimilação dos conceitos e entendimento da importância da comunicação...

Nesse excerto, também é possível dizer que há uma interação que permeia as tecnologias versus humano, isto é, uma tentativa de estabelecer uma proximidade com o interlocutor, desmistificando o conceito de distância, por meio do dizer: [...] estarei com você [...].

Ainda sobre essas marcas de saudação, notamos que as escolhas lexicais olá – sejam bem-vindos, encaixadas na entonação mais formal, demonstram o uso de

modalizações apreciativas, indicando o estabelecimento de uma relação virtual institucional, e ao mesmo tempo, de afetividade e de acolhimento.

Observamos que há a voz do autor empírico, ou seja, uma presença docente na instituição (eu sou) que demarca a posição de um profissional titular da disciplina. O uso do pronome pessoal do caso reto - eu – assinala a agentividade⁸ dele, fenômeno próprio desse gênero de apresentação.

Além disso, uma voz institucional emerge da modalização apreciativa, ancorada na função ocupada pela professora como tutora-interna, e, não, da docente da instituição X ou professora a distância de determinada disciplina. Entendemos que o dizer eu sou professor tutor-interno remete o profissional a um mundo categorizado por ele. Ao se representar como tutora-interna, o profissional se difere de outros professores e, também, de outros tutores que são chamados de tutores externos e que trabalham na mesma instituição.

Há também a demarcação da voz social da instituição. Nela, acentua-se a denominação de professor tutor-interno e reafirma-se uma representação em torno do que a instituição de ensino preconiza sobre a função do professor: profissional interno que atua na docência da disciplina.

Registramos, nesse mesmo excerto, a presença dos termos você e acadêmico. Essas escolhas de palavras adquirirão o valor de vocativo e apontam para a intenção de interação com o outro. Por meio dessa unidade linguística, expõem-se os elementos de identificação do aluno, ou seja, um acadêmico. Nesse viés, convoca-o a se fazer presente junto à disciplina e à instituição. É importante destacar que há uma maior entonação na ocorrência da palavra acadêmico. Nesse caso, percebe-se que essa acentuação eleva o aluno a uma condição de nível superior: o acadêmico.

...ACADÊMICO! ...a boa comunicação é ferramenta fundAMENTAL para qualquer profissional...

Em outro momento, notamos que a palavra acadêmico emerge com uma entonação mais branda. E o termo você, com maior dicção. Nesse fragmento, o pronome pessoal tende a resgatar a imagem do próprio aluno, dentre outros colegas:

⁸ A agentividade é entendida aqui como um fazer pautado numa intencionalidade tendo em vista a prática de uma determinada ação.

... no entanto... acadêmico... devemos destacar um fator muito importante no ato comunicativo... as definições de cada função da linguagem poderão ser acompanhadas por VOCÊ...em seu caderno de estudos...

A formalidade, imbricada nos modos de dizer na videoaula, permeia uma voz social do profissional docente. Percebemos a valorização da escolha lexical acadêmico, por meio da modalização apreciativa. Nessa perspectiva, vemos que as escolhas linguísticas, quando em contexto de educação a distância, podem ser importantes para determinar o grau de aproximação entre virtual e o presencial.

Em outro excerto, é possível notar que o uso de determinadas palavras caracteriza uma relação de reciprocidade. Ao fazer esse uso, há uma mediação contextualizada entre quem fala e quem participa daquela aula; entre o que é ensinado e o que se aprende na instituição de ensino.

Nos próximos seguimentos, alguns aspectos provocam a ocorrência de outras vozes junto às modalizações pragmáticas, como no uso de elementos que retomam o eu empírico e o seu interlocutor (professor + interlocutor) nós, representados pela desinência de primeira pessoa do plural dos verbos e em elencamos, abordaremos. Entretanto, o fato de ocuparem a mesma posição linguística, na análise sintática da sentença, não garante que sejam os mesmos sujeitos implicados no ato de fala, na posição linguística de primeira pessoa do plural, como por exemplo em: professor + aluno = nós e professor + instituição = nós. É possível notar que essa emergência de vozes tenta garantir uma representatividade por meio da desinência verbal – mos - do profissional de ensino com a instituição, e do educador com o aluno.

...cada vez mais VOCê acadêmico percebe O QUANTo utiLiza a comunicação em seu cotidiAno... não É mesMO? Esperamos que você tenha compreendido o conteúdo dessa uniDAde ...

...elencamos a estrutura textual...sendo assim... abordaremos o estudo sobre coesão e coerência nos textos...

Em outro excerto, o termo ouvimos inclui a voz do profissional de ensino e do aluno, o que reforça o engajamento desses participantes tanto no âmbito discursivo quanto da interlocução de apresentação da aula. Nessa rede dialógica, o uso do

elemento linguístico interrogativo certo tende a garantir e a confirmar o ato de linguagem.

...muito já ouvimos sobre essa temática...certo?

Em mais um excerto, o uso dos adjetivos demarca a práxis vivenciada e as intenções do enunciador de enaltecer a importância do conteúdo da vídeoaula e o aprendizado do aluno. Nessa esteira, podemos dizer que as modalizações lógicas - não só e mas também –apontam para elementos que correspondem ao ponto de vista do conteúdo da vídeoaula, no que diz respeito ao ensino, estabelecendo com essas modalizações uma relação de verdade ao que se diz.

...a boa comunicação é ferramenta fundamental para qualquer profissional... ela é ESSENCIAL não só para obter benefícios em sua carreira... mas também para melhor desempenhar seu papel na função exercida...

Seguidamente, verificamos que o uso da modalização deôntica⁹ instiga a participação do aluno. Essa voz, ancorada nas experiências da modalidade presencial, pode ser mais recorrente no ensino a distância. Geralmente, as relações de interação, nessa modalidade, são assíncronas, por e-mails, fóruns, chats entre outros. Por isso, há indícios de que a manutenção de uma voz de comando, nos modos de dizer do ensino a distância, acentue a participação mais efetiva dos alunos.

...REflita... disCUta com seus coleGAS...

Observem que, em um viés indagativo de convocação, abre-se um espaço aqui para uma reflexão contextualizada do conteúdo, do ensino e da realidade no mercado de trabalho.

...pense... é POSSÍVEL um profissional... por mais graduado que seja... administrar uma empresa ou um grupo de pessoas se não consegue ou não sabe como transmitir suas ideias... expectativas e PROJEtos?

Nesses fragmentos, notamos que as modalizações deônticas ‘acessem’ e ‘utilizem’ reforçam as demandas do ensino a distância. Além disso, a escolha do advérbio de tempo já e de um articulador discursivo-argumentativo de soma além de emanam uma representação de ensino e didáticas organizadas.

⁹ Assume-se aqui, que, a modalização deôntica pode emergir a partir dos eixos de uma ação obrigatória; proibida; permitida; facultativa. (CERVONI, 1989, p. 60).

...acessem o ambiente virtual de aprendizagem e utilizem os recursos oferecidos... para esta disciplina já se encontram disponíveis os objetos de aprendizagem... fórum...enquete... curso de nivelamento... atendimento online... além da ferramenta conTAtto e o atendimento telefônico com a tutoria interna do curso... até mais...

Diante das análises, notamos que as vozes e as modalizações no ato linguístico da videoaula estão imbricadas nos mundos discursivos e no agir comunicativo de maneira dialógica. Nessa linha, os modos de dizer, aliados aos gestos profissionais, conduziram a apresentação do conteúdo de maneira interativa, procurando aproximar as relações de ensino previstas no cenário presencial ao contexto da educação a distância.

Considerações finais

No processo de apresentação da disciplina, procurou-se construir discursivamente um ambiente virtual de aprendizagem constituído por uma interface dinâmica, dialógica e persuasiva. As atitudes discursivas presentes na videoaula promoveram o uso de modalidades pragmáticas, apreciativas e deônticas como estratégias de aproximação do aluno com o ambiente a distância, com o conteúdo, e ainda, com as demandas desse tipo de educação.

Diante disso, cabe destacar Bronckart (1999) quando salienta que as situações de ações interiorizadas podem influenciar as escolhas lexicais, deixando entrever traços das decisões sobre essas escolhas, em vista da situação de comunicação. Na situação enunciativa de ensino e aprendizagem, nessa videoaula, as escolhas lexicais foram incorporadas ao processo de significação da mediação professor-tutor-interno com o aluno.

Podemos dizer que as escolhas linguísticas, presentes nesses fragmentos analíticos, podem estar transpassadas pelas experiências na modalidade de ensino a distância e, ao mesmo tempo, vinculadas a um saber-fazer ancorado em memórias do ensino presencial. Nesse caso, as práticas são ressignificadas na medida em que as diferentes formas de trabalho demandam o movimento das representações.

REFERÊNCIAS

- BELLONI, Maria Luiza. O que é mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância. 5. ed, Campinas: Autores Associados, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRONCKART, Jean Paul. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 1999.
- BRONCKART, Jean Paul. Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio et al. Campinas: Mercado das Letras, 2006.
- BRONCKART, Jean Paul. Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- BRONCKART, Jean Paul. Agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.
- BRONCKART, J. P. et al. As unidades Semióticas em Ação: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo. Campinas: Mercado das Letras, 2017.
- BULEA, Ecaterina. Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade. Tradução de Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin e Lena Lúcia Espínola Rodrigues Figueirêdo. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- CERVONI, Jean. A enunciação. São Paulo: Ática, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FREIRE, Wendel (org.). Tecnologia e educação: as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.
- KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. 8.ed. Campinas: Papyrus, 2017.

- MACHADO, Anna Rachel (org.). O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. 3. ed. Editora Parábola, 2008.
- MATTAR, João. Tutoria e Interação em Educação a Distância. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- MILL, Daniel. Polidocência na Educação a Distância: múltiplos enfoques. São Paulo: UFSCAR, 2010.
- MILL, Daniel. Docência Virtual. Coleção Educação e Tecnologia Curso de Especialização. Editora Píxel, São Paulo, 2016.
- MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. Educação a Distância: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

Recebido em: 02/11/2020

Aceito em: 07/03/2021